

A RESPONSABILIDADE SOCIAL-ÉT(N)ICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Alba Lúgia de Almeida Silva*

RESUMO

Investiga a produção de conhecimento acerca de negros(as) na memória da ciência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, buscando entender a partir de uma pesquisa mais ampla a (in)visibilidade dessa população na cultura científica dessa instituição, tendo como foco de observação em nossa dissertação de mestrado a produção de conhecimento de três Programas de Pós-Graduação Ciência da Informação (PPGCI/CCSA), Letras (PPGL/CCHLA) e Educação (PPGE/CE). Especificamente, o estudo busca compreender como o(a) negro(a) afrodescendente tem sido representado na produção de conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (CCSA), debruçando o nosso olhar sobre dissertações, teses, artigos etc, armazenados nos repositórios impressos e digitais do PPGCI. O trabalho de campo da pesquisa contemplou dados coletados nos repositórios das Bibliotecas Setoriais e dos *Curriculum Lattes* de pesquisadores(as). A pesquisa situa-se nos Estudos Culturais da Ciência em que questões sobre raça, gênero, etnia e identidade podem dialogar com a informação, o conhecimento e a cultura produzida nas instituições e articula-se com a abordagem qualitativa que oferece elementos para reflexões sobre interesses especiais de grupos organizados em torno da cultura científica, visto que esta abordagem pode apoiar a abordagem qualitativa, sendo combinadas, visando fornecer um quadro metodológico coerente do tema em estudo. Os instrumentos de pesquisa foram caderno de campo para anotações e planilhas. A compreensão do fenômeno e a produção das inferências centralizaram-se nas categorias relacionadas à temática responsabilidade social-ét(n)ica da ciência da informação na produção de conhecimento do PPGCI. Constatamos nesse Programa uma “lacuna” na produção de conhecimento sobre o tema em questão. Destarte, recomendamos que mesas redondas, seminários, debates, entre outros, sejam realizados para que a pesquisa científica nessa área possa evoluir, a fim de assumirmos a responsabilidade social e ét(ni)co-racial com o foco na produção de conhecimento acerca da problemática do(a) negro(a) na sociedade da informação.

Palavras-chave: Responsabilidade Social e Ét(n)ica. Produção de Conhecimento. Universidade. Programas de Pós-Graduação. Ciência da Informação. Racismo. Negro. Afrodescendente.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões que apresentaremos nesta comunicação resultaram de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB) sob a orientação da professora-doutora Mirian de Albuquerque Aquino, e defendida em meados de 2009. A discussão teórica-metodológica e os

* Bibliotecária. Mestra em Ciência da Informação pela UFPB. E-mail: aligiasilva@gmail.com

instrumentais de pesquisa de campo foram orientados pela nossa preocupação de produzir um conhecimento pertinente a todos (as) que estão preocupados (as) de alguma forma com o desafio de abordar as questões de informação com as relações étnico-raciais.

Uma grande parte da produção de conhecimento produzida nas universidades públicas sobre temáticas emergentes na área de Ciências Sociais, por motivos não conhecidos acaba enchendo as prateleiras das bibliotecas e os pesquisadores que poderiam requalificar suas práticas de informação com contribuições de conhecimentos interdisciplinares continuam sem acesso a essa informação. Ao lado disso, incorporamos a consciência de que a situação de discriminação racial no Brasil não aconteceu somente à época dos ancestrais escravizados (as), quando comparada com a atual condição do (a) negro (a) no Brasil contemporâneo.

A importância de se investigar a produção de conhecimento na Universidade Federal da Paraíba está no fato de reconhecer que o Brasil é um país com uma população de quase 190 milhões de habitantes (IBGE, 2009) dotado de uma economia diversificada e caracterizado como um território de grandes desigualdades sociais. No meio rural, por exemplo, a concentração de terras e as extensas áreas de produtividade convivem com pequenas propriedades. Não menos diferente é o meio urbano, onde saltam aos nossos olhos os bolsões de miséria, confrontando com a concentração de riquezas destinada a poucos privilegiados. Mas não é só isso, temos dois grupos distintos no país: o mundo dos ricos e o mundo dos pobres, apresentando um abismo racial, e revelando estatisticamente as reais condições de vida dessa população, onde os brancos são os principais beneficiados. São esses aspectos de “bagagens e memórias” que revelam a “produção da identidade brasileira”, independente das políticas públicas destinadas aos/às negros(as) nesse atual governo para os diversos setores.

Para Cunha Júnior (2009) “o conhecimento produtivo do Brasil Colônia é fundamentalmente africano, nas áreas de mineração, produção de ferro, agricultura, produção de açúcar, manufaturas, tecelagem, construção”. Este autor não economiza palavras para reafirmar que a qualificação do negro africano lhe permitiu dar sua parcela de contribuição nas áreas da política, economia, literatura, artes. Na década de 1950, a produção de conhecimento dos intelectuais negros da década de 1950 como Edison Carneiro, Clóvis Moura, Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia González, José Rufino entre outros, apresentavam, através de artigos, seminários, livros, filme, vídeos, documentários, o quilombo como sendo uma referência ideológica, cultural e política.

Cunha Júnior (2003) afirma que a produção de conhecimento no Brasil é datada do início de século XX, destacando nessa época, a participação ativa de afrodescendentes. Como

exemplo, temos o engenheiro, geógrafo, sanitário e pesquisador Teodoro Sampaio, filho de escrava, que conseguiu se formar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e retornou à Bahia para comprar a liberdade de sua mãe, destacando-se como um dos fundadores da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Este autor demonstra a sua preocupação diante das contradições ante as inúmeras evidências históricas que não encerram a discussão sobre a pesquisa que trata da população negra e sobre a formação de pesquisadores (as) negros (as).

Este mesmo autor reafirma a insuficiência dos argumentos perpetrando a composição do *corpus* de pesquisadores (as) brasileiros (as), nas temáticas eleitas pela ciência brasileira e, sobretudo, nas políticas científicas e de formação de pesquisadores no país [...]. Do seu ponto de vista, os (as) pesquisadores (as) negros (as) convivem com a ausência de políticas nesta área e a falta de preocupações democráticas com a implantação dessas políticas, constatando que o nosso país forma 6 mil doutores anualmente, mas, menos de 1% são negros (as) e menos 1% das teses aborda temas de interesse das populações afrodescendentes (CUNHA JUNIOR, 2003).

Essa constatação deixa clara a escassez da produção intelectual sobre o (a) negro (a) nas universidades públicas e as razões para essa lacuna estão relacionadas não apenas a inúmeros aspectos e, dentre estes, fica mais evidente, a discriminação racial. Nos anos 90, estudos sociológicos vão postular que as pesquisas acadêmicas eram comprometidas com uma pretensa imparcialidade científica e uma ideologia racista racionalizada e representadas por resíduos da superestrutura escravista e, ao mesmo tempo, a sua continuidade persiste na sociedade contemporânea (MOURA, 1990).

Fica demonstrado que os mecanismos discriminatórios continuam subsidiando as relações na sociedade brasileira, apresentando uma imparcialidade científica inexistente nas ciências sociais e humanas como prova do pensamento social racista. Essas práticas são estabelecidas com a finalidade de impor determinadas regras em busca de soluções para o problema racial no Brasil. Dessa forma, o (a) negro (a) era visto (a) pelo poder dominante à época como um integrante da sociedade, mas na condição de escravos (as) ou ex-escravos (as) e pertencentes às classes inferiores.

Como descreve a literatura sociológica, a classe dominante construiu um pensamento errôneo que ainda se mantém vivo, pois mesmo após a escravidão a estrutura da sociedade brasileira alimenta os mesmos equívocos e modelos de dominação. Assim, o racismo e o autoritarismo fazem parte da estrutura social, política e cultural do Brasil, deixando exposta, dessa forma, uma espécie de alienação que pode ser percebida em vários aspectos da sociedade brasileira com forte presença na literatura antropológica, histórica e sociológica.

Para Moura (1990), as raízes sociais, na estrutura escravista e, posteriormente, na estrutura da propriedade fundiária estiveram presentes na literatura de ficção da época da escravidão, onde eram comuns os valores brancos e os “modelos de beleza” nessa literatura. Contudo, ainda existe muita diferença entre pensamentos e ações do povo brasileiro no que se refere ao racismo, à discriminação e os preconceitos assimilados no contexto sócio-histórico e as “atitudes discriminatórias estão presentes em situações concretas do cotidiano, seja no âmbito pessoal, seja no institucional” (SANTOS, 2005, p.46). É notória a presença do preconceito, porém, a sociedade ainda nega esta afirmativa, continua praticando a discriminação e deixando o (a) negro (a) numa situação de inferioridade.

É importante que a produção de conhecimento ajude a desmistificar a auto-imagem do mito da democracia racial que sustenta a tese que negros (as) e brancos (as) vivem harmoniosamente. Esta visão de democracia racial também é desconstruída por Valente (1996) ao afirmar que o conflito racial, sutil, velado e não-declarado, existe no Brasil. O mito da democracia racial é visto como a ideologia que se popularizou e dominou o pensamento sobre raça, desde a década de 1930 até o começo da década de 1990 (TELLES, 2003), cujos efeitos têm dificultado a emergência de uma visão crítica acerca das relações raciais no país e nas instituições de ensino, pesquisa e extensão, permanecendo uma maior sensibilidade para desenvolvimento de estudos e pesquisas de cunho universalista. Não havendo, portanto, uma maior preocupação com a representação de negro (as) na produção de conhecimento, os quais revelam nas estatísticas recentes ser majoritários (as) e menos privilegiados (as) no acesso aos bens materiais, educacionais e culturais (GRIN, 2002).

Nesse contexto, o argumento do antropólogo Kabengele Munanga (2007) é pertinente, por ajudar na reflexão sobre a ausência de responsabilidade social e ética na representação da população afrodescendente na produção de conhecimento, discriminação que é igualmente reduzida nas políticas de ações afirmativas para inclusão de alunos (as) nas universidades públicas.

As diferenças raciais observadas em praticamente todas as esferas da vida social brasileira, revelando cotidianamente as marcas da discriminação na escolha de temas étnico-raciais nas decisões de pesquisa, delinearão o objetivo desta pesquisa: analisar a produção de conhecimento acerca de negros (as) armazenada na memória da ciência da Universidade Federal da Paraíba, buscando entender a (in) visibilidade dessa população na cultura científica dessa Instituição. Suspeitamos que essa produção de conhecimento ainda mantém vestígios do discurso eurocêntrico ao privilegiar temas universais.

2 RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Nesses últimos anos, a “responsabilidade social” tornou-se um assunto cada vez mais presente no mundo nas instituições públicas, privadas e federais. Porém, torna-se um assunto polêmico, pois muitas vezes o termo vem associado à idéia pura e simples de filantropia, caridade ou à boa vontade dos homens de negócios frente às mazelas das diferenças sociais e culturais. Inúmeras são as definições que aparecem na literatura corrente apreendendo a responsabilidade como o compromisso das empresas ou organizações com a qualidade de vida de seus funcionários, sua família e a comunidade geral. Outras relacionam a responsabilidade às obrigações reconhecidas pela ordem jurídica, as quais podem resultar numa transgressão se não forem levadas em consideração.

A expressão “responsabilidade social” para Fernandes (2000) pode ser entendida como a ampliação da mente e de práticas de um determinado organismo, a sua organização e a reflexão sobre o contexto, acontecimentos diversos e segmentos da sociedade, incluindo cidadãos (às), consumidores (às), organizações públicas ou privadas, comunidades etc. Em síntese, a responsabilidade social consiste em um conjunto de atitudes assumidas por agentes sociais estreitamente vinculados à ciência do dever humano (ética) e voltados ao desenvolvimento sustentável da sociedade. Entretanto, este conceito de responsabilidade social não tem sido bem aceito nas universidades públicas brasileiras, as quais rechaçam as estratégias de marketing assumidas pelas instituições de ensino superior (IES) do setor privado (CALDERÓN, 2006).

Os debates iniciados no início da década de 1960, no Congresso Internacional intitulado *La Responsabilidad Social de La Universidad*, realizado em Montevideu, segundo este autor, imprimiram um novo olhar nas universidades européias e nas universidades americanas, cujos resultados se mantêm atualizados (CALDERÓN, 2005). E, alguns intelectuais, já concebiam a universidade como um lugar da presença de aparelhos ideológicos do Estado, sendo uma peça-chave do dispositivo de domínio por meio do qual a classe dominante exerce o controle social no terreno ideológico sobre a totalidade do país. Calderón (2005), concordando com Ribeiro (1991), vêem a universidade não mais como um aparelho onde os grupos dominantes exercem o poder, mas um instrumento acelerador da revolução social e, para ele, o maior desafio consistiria na elaboração de um modelo teórico de universidade capaz de reverter o papel tradicional de perpetuadora dos grupos dominantes para se tornar um agente de transformação da sociedade.

No seio dessa possibilidade de transformação (e isso vem ocorrendo principalmente no âmbito tecnológico) do multiculturalismo, da pluralidade e da diversidade cultural, as

concepções científicas de raça ainda guardam resquícios de um saber científico produzido para demonstrar a superioridade da “raça branca sobre outras raças” (WIEVIORKA, 2007, p.21).

O contraponto que nos parece mais evidente é a presença do racismo na produção de conhecimento das universidades públicas. Em pleno momento da globalização econômica, das tecnologias da informação e comunicação, dos fluxos de informação, das novas formas de construção da ciência e dos múltiplos formatos de aprendizagens, o racismo compromete a responsabilidade social e ét(n)ica e desafia as políticas públicas de promoção da igualdade racial e as normas legais de combate ao preconceito, discriminação e racismo não só nas relações sociais, mas também na gestão e produção do conhecimento nas instituições.

A reversão desse sistema discriminatório que dilui a responsabilidade social dessas instituições encontra elementos de mudança, em Vallayes (2006) para quem destaca a importância dos debates no interior da comunidade universitária com a própria sociedade para refletir, conjuntamente, sobre a universidade, a sua organização, as atividades acadêmicas e, principalmente, a sua estrutura gerencial. Essa responsabilidade social exige uma ação multidisciplinar, envolvida com a promoção e desenvolvimento social, ético e equitativo, para a produção e transmissão do conhecimento e formação de cidadãos/ãs críticos. O autor sugere que cada universidade e seu corpo docente elaborem atividades em função de suas próprias identidades e de seu específico contexto social. Dessa forma, a responsabilidade social tem o dever de orientar a formação do(a) aluno(a), visando à promoção da igualdade racial, criando, assim, um novo perfil do aprendente universitário preocupado com as injustiças sociais e o compromisso com ações concretas.

Essa questão inova não somente em termos da nossa longe prática universalista de mecanismos de ingresso ao ensino superior, mas, também em termos da nossa capacidade de “rever posturas e modelos de há muito estabelecidos e de formular novas teorias sobre a inclusão étnico-racial em uma perspectiva brasileira” (CARVALHO, 2005, p. 7).

A responsabilidade social aparece como uma categoria a ser representada com base no princípio ético do fazer universitário, e o dever das universidades para com os (as) alunos (as) e diversos grupos sociais (comércio, imprensa, sindicatos, indústria, etc), o Estado, a Igreja e a sociedade como um todo. Ao que parece, é também dever das universidades públicas a busca por soluções para combater preconceitos, discriminações e racismos mediante um trabalho sério com sua comunidade acadêmica, visto que é função dessas instituições transmitirem um saber que colabore para formar mentes mais abertas, flexíveis e críticas.

Desse ponto de vista, a responsabilidade social e ét(n)ica não é apenas dos (as) gestores (as) das universidades públicas, mas também de professores (as), alunos(as) e pesquisadores (as) de programas de pós-graduação. O apoio da comunidade universitária pode contribuir com a produção de conhecimento acerca de temas de interesse de grupos socialmente vulneráveis, desenvolvendo pesquisas interdisciplinares, formar profissionais competentes para atender às exigências do mundo globalizado, responder às mudanças provocadas pelos avanços da ciência e da tecnologia e contribuir para a disseminação do conhecimento produzido em sua instituição, cujos resultados possam ajudar na redução das desigualdades raciais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa abriu um horizonte de possibilidades para compreensão do fenômeno ora estudado e sua ancoragem no domínio dos Estudos Culturais da Ciência, entendidos aqui como um conjunto de investigações referentes às práticas por meio das quais o conhecimento científico é articulado e mantido em contextos culturais específicos, transferido e expandido para outros contextos (WORTMANN; VEIGA NETO, 2001).

Assim, a conjunção das abordagens qualitativa e quantitativa serve-nos para diferenciar as técnicas de coleta ou designar o tipo de dado obtido, conforme as necessidades do fenômeno estudado. Ao centrarmos o olhar sobre um problema específico, a pesquisa é realizada com foco no problema que escolhemos, e os procedimentos mais adequados são escolhidos para a compreensão que pretendemos (LAVILLE; DIONE, 1999). Essa opção não significou incorrer em um equívoco metodológico porque a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Isto ocorre porque a dimensão qualitativa está sempre presente no quadro de referência do/a pesquisador/a, nos valores, na visão de mundo e na postura teórica e, mesmo expressando os resultados da pesquisa em números, ele pode revelar as marcas da subjetividade e se distanciar da postura positivista. Desse ponto de vista, o número ajuda a explicitar a dimensão qualitativa (ANDRÉ, 1995).

O trabalho de campo focou os seguintes tipos de fontes de informação: dissertações, teses, periódicos científicos, anais, relatórios e projetos de pesquisa, dentre outras, armazenadas nos repositórios das Bibliotecas Setoriais do CCSA, CCHLA e CE e do *Curriculum Lattes*¹ de pesquisadores(as) de programas de pós-graduação vinculados a esses centros. Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram planilhas, tabelas e quadros. A

¹ Disponível no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

busca e a recuperação das fontes de informação foram realizadas a partir do levantamento de títulos, resumos e descritores. Foram recuperados nos repositórios impressos e *online* 22 artigos científicos, 08 teses, 19 dissertações, 05 trabalhos de conclusão de curso (TCC), 72 anais, 10 projetos de pesquisa, 26 capítulos de livros, 02 dossiês e 01 resenha, perfazendo um total de 107 trabalhos.

Para esta comunicação, focamos a produção de conhecimento de pesquisadores (as), professores (as) e alunos (as) do PPGCI, a qual apontou para uma análise descritiva, discursiva e reflexiva, apoiada em abordagens teóricas da Ciência da Informação e contribuições históricas, sociológicas e antropológicas de autores que abordam a questão étnico-racial.

3.1 Produção de conhecimento do PPGCI/UEPB: análise e interpretação dos dados

A compreensão de produção de conhecimento na memória da ciência de programas de pós-graduação na UEPB implicou recuperar as informações acerca de negros (as), aqui entendidos (as) como as pessoas classificadas como pretas e pardas nos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa memória nos aproximou do que propõe Le Coadic (1996) ao ressaltar que a busca pelo conhecimento deve iniciar pela procura dos conhecimentos anteriores, ou dos conhecimentos já existentes, supondo que estes já se encontram estabelecidos e fundamentados.

Assim sendo, iniciamos a pesquisa com a busca de fontes de informações no antigo repositório do Curso de Mestrado em Biblioteconomia (CMB, 1977-1996) e, posteriormente, no Curso de Mestrado em Ciência da Informação (CMCI, 1997-2001), descredenciado em 2000. Chamou a nossa atenção o fato de que o CMCI disponibilizou uma dissertação de mestrado, defendida em 1999 e somente em 2001 começaram a surgir outros trabalhos sobre a temática nesse Curso, cujas publicações foram retomadas a partir de 2004 com projetos de pesquisa e comunicações em eventos.

Nas propostas abarcadas pelas linhas de pesquisa, o CMCI indicava alguns avanços na perspectiva de problematizar a conexão Biblioteca x Sociedade, compreender os condicionantes sócio-políticos e culturais que interferem na criação, no desenvolvimento e nas condições concretas da existência dessa instituição, bem como prover estudos que permitam ao bibliotecário situar sua prática profissional no contexto social, observando as demandas de informação/leitura e as relações da Biblioteconomia com o contexto global. Entretanto, com o seu descredenciamento em 2000, o Programa acabou perdendo não só a sua proposta da época, mas um pouco de sua característica inicial que via a Biblioteca Pública

[...] como um equipamento social que desempenha um elenco de funções significativas para a sociedade. A primeira delas de atendimento cultural por meio do suporte à educação, reforçando os programas de educação formal e informal, transmitindo valores e formando atitudes em alunos e crianças; a segunda por meio da função de integração comunitária que atua como aglutinador de instituições educacionais e culturais, irradiando programas educacionais, culturais e artísticos; fechando o elenco, a função organizacional que atende a constituição de sistemas e redes e engloba bibliotecas estaduais e municipais (PROGRAMA de..., 2009).

No período em que o CMCI esteve funcionando, 50 dissertações foram defendidas na área de concentração “Sistema de Bibliotecas Públicas”, 46 em “Biblioteca e Sociedade” e 52 em “Informação e Sociedade”, totalizando 148 mestres, provenientes de estados brasileiros do Norte ao Sul e de Leste a Oeste, assinalando na memória da ciência da UFPB apenas uma dissertação de mestrado, defendida em 1999, em que a autora trata de questões relacionadas às práticas informacionais e relações étnico-raciais. Esse distanciamento sobre a temática étnico-racial, ao que parece, nivela-se ao que acontece na área pelo menos em termos da produção de conhecimento nacional, tendo para tanto em Frohmann (1995) uma explicação. Ele afirma que raros são os estudos que se dedicam aos temas relacionados à raça, classe, sexo e gênero com uma observação que reclama a responsabilidade social e a consciência dos valores éticos dos pesquisadores da Ciência da Informação. Em sua memória científica², a CI revela a existência de abordagem tímida acerca da situação de grupos socialmente vulneráveis (FREIRE, 2002) não se percebendo com clareza os enfoques relacionados à temática do (a) negro (a), a partir de uma análise crítica e reflexiva.

Com a abertura do novo mestrado em Ciência da Informação na UFPB³, em 2007 com uma turma de 15 alunos (as), novos trabalhos foram se delineando em relação à temática étnico racial. Este Programa serviu como um dos ambientes de coleta de dados, onde tem 11 docentes em seu quadro permanente e mais 03 docentes colaboradores (as) requisitados (as) de programas de pós-graduação de outras instituições federais. Em sua política científica, o PPGCI propõe o aprofundamento, a ampliação do conhecimento e a formação de pesquisadores (as), mantendo a sua preocupação com as demandas culturais provenientes das exclusões impostas pelas desigualdades sociais e econômicas, principalmente, na Região Nordeste, que restringem o acesso ao livro, ao conhecimento à cultura e a informação.

² Tudo aquilo que foi produzido por esta área no Brasil.

³ Este programa edita desde 1991 a revista Informação & Sociedade: Estudos (I&S) que se mantém até os dias atuais, em mídia impressa e eletrônica, disponibilizando todos os números no portal da CAPES e no sítio www.ies.ufpb.br. Este periódico é visto como um dos mais consultado pelos cursos da área da Ciência da Informação.

Nesse Programa, apenas dois docentes trabalham a temática étnico-racial e são bolsistas de produtividade do CNPq, destacando-se que um deles publica com mais frequência sobre a problemática e orienta alunos (as) de iniciação científica, mestrado e doutorado, tendo a sua produção de conhecimento registrada em relatórios de pesquisa, dissertações, teses e monografias desde 2001. Além de promoção, organização e realização de eventos técnicos científicos. Outro pesquisador produziu até o momento apenas um artigo científico⁴ e apresentou uma palestra⁵ no seminário A Responsabilidade Ética-Social das Universidades Públicas e a Educação da População Negra, realizado na UFPB.

Na tentativa de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas e estudos na Ciência da Informação, Aquino (2004) vem investigando a imagem do afrodescendente no discurso de inclusão social/racial nas universidades públicas, tendo a sua produção de conhecimento disponível em relatórios, artigos e comunicações em eventos. Essa produção reflete também na monografia de conclusão de Curso em Biblioteconomia de Santana (2008) que discute a responsabilidade ético-social dos profissionais da informação com foco na inclusão de afrodescendentes. Tem-se ainda os projetos e relatórios das bolsistas PIBIC/CNPQ/UFPB Santana (2004/2006), Sérgio Santana; Silva (2009) e Gomes da Silva (2009) que abordam a temática étnico-racial, discutindo questões relacionadas à produção de conhecimento, diversidade cultural e autonomia fazendo vinculações com a Ciência da Informação.

Em estudos sobre as relações étnico-raciais e a informação, realizados até o presente momento na Ciência da Informação da UFPB, encontramos duas dissertações de mestrado: uma intitulada “Práticas Informacionais no Movimento Negro da cidade de João Pessoa/PB” de autoria de Silva (1999) e Lima (2009), intitulada “Identidades afrodescendentes: acesso e democratização da informação na cibercultura”. Temos ainda um projeto de qualificação de dissertação, intitulada “Práticas de cidadania: acesso e uso da informação étnico-racial em contextos de aprendizagem na UFPB – Campus I” (OLIVEIRA, 2009).

Em relação a quantidade⁶ da produção de conhecimento dos três programas de pós-graduação escolhidos como objeto de análise, encontramos um universo de 1763 produções. Após as buscas constatamos que 88 trabalhos, dos programas citados, estão relacionados à temática étnico-racial o que corresponde a um percentual de 5% em relação ao total de produções dos três programas. Para esta comunicação, optamos focalizar apenas dissertações,

⁴AZEVEDO NETTO, C. X. . Educação patrimonial e identidade: a memória dos quilombos. Temas em Educação, v. 13, p. 67-82, 2004.

⁵A saúde da população negra e as políticas de informação. Seminário: “Responsabilidade ética e social das universidades públicas e a educação da população negra”, UFPB, 2008.

⁶ Somatório considerando todas as temáticas trabalhadas nos três programas citados.

teses, artigos e publicações em anais desenvolvidas no PPGCI. Destarte, ao analisarmos o Gráfico 1, vemos que este Programa apresentou um número de 373 publicações no período investigado e 22 trabalhos sobre a temática o que representa um percentual de 6%. Dessas publicações: 6% em anais; 14% em artigos de periódicos; 3% dissertação. O resultado para teses apresentou-se nulo visto que o programa não oferece ainda pós-graduação a nível de doutorado.

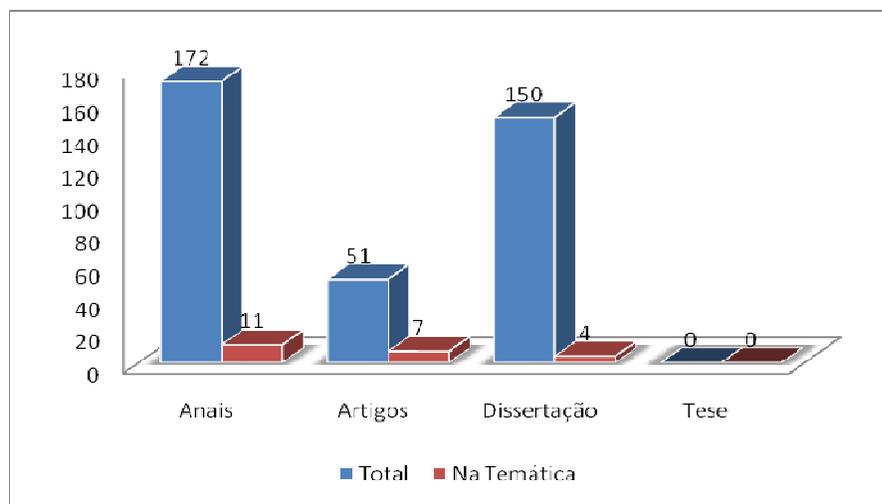


Gráfico 1: Produção de Conhecimento do PPGCI

A análise indicou que a produção de conhecimento do PPGCI no que se refere a temática étnico-racial apresentou um quantitativo pouco expressivo (6%). Podemos inferir que este fenômeno está relacionado ao fato de apenas um pesquisador ter uma produção contínua e compatível com a linha de pesquisa “Memória, Organização, Acesso e Uso da informação”. Considerando que o Programa está ancorado numa área que toma como objeto a produção, a organização, a disseminação, o acesso e uso da informação numa perspectiva social e interdisciplinar, evitando-se a exclusão de grupos, esse campo deveria estar mais voltado para produções que levassem em conta a diversidade cultural na produção da ciência, neste sentido esperava-se um quantitativo maior, indicando maiores reflexões e discussões sobre o tema. Aliada a essa questão, entendemos que os (as) pesquisadores (as) dessa linha que se preocupam com os aspectos relacionados à preservação da memória, representação de informação e de conhecimento, usos e impactos da informação consideram que a informação não está ligada apenas aos acervos das bibliotecas, arquivos ou museus, mas também às necessidades informacionais de diferentes grupos sociais, a apropriação da informação por eles(as) tornando o acesso e uso da informação mais democrático, bem como assumi-los (as)

como objetos de investigação na produção de conhecimento, levando, assim, em conta a diversidade cultural na escolha dos temas e grupos como objetos de investigação. Isso, entretanto, não ocorre sistematicamente vez que os resultados apontaram um número reduzido de trabalhos sobre essa temática, apresentando uma lacuna na produção de conhecimento sobre o (a) negro(a) no PPGCI.

Apesar de Pinheiro (2005, p. 134) ter afirmado que “a ciência da informação já apresenta um corpo de conhecimentos que permite o seu reconhecimento científico, com as peculiaridades de sua natureza, objeto e fenômenos”, Nascimento (2008) diz que é possível observar nas abordagens teóricas⁷ da CI uma tendência a ser “distintamente individualista [vez que procura] focar bem mais o usuário ou o sistema, desviando-se dos aspectos coletivos ou do contexto social no processamento da informação”, com vistas aos diversos seguimentos da composição social do território nacional. Assim sendo, raramente os (as) pesquisadores (as) vêm “a unidade de estudo da Ciência da Informação como disciplina, domínio, ambiente ou coletividade, mas quase sempre com foco no indivíduo”.

Em sua trajetória de produção de conhecimento, a CI ainda se mostra um olhar menos preocupado com a compreensão de sua prática social do que com a facilidade de comunicação do indivíduo-sistema nos processos de produção, transferência e uso das informações. Conseqüentemente, a área ainda não se conecta incisivamente aos processos sociais e culturais mais amplos, os quais estão relacionados ao “crescimento urbano e comercial, diferenciação de grupos e etnias, especialização do trabalho e perda de emprego, inovações tecnológicas, acesso educacional, bem-estar social e entretenimento no quadro da sociedade contemporânea” (SORJ, 2003). Nessa mesma linha de pensamento, Marteleto (2001, p. 3) afirma que “a falta de informações corretas dificulta às pessoas o acesso à realidade [...] e que a retenção das informações pelas fontes geradoras – cientistas, instituições, mídia etc impede a partilha democrática do saber.”

Nesse contexto informacional em que a informação circula em vários suportes de comunicação, os (as) pesquisadores (as) do PPGCI poderiam atuar de forma propositiva, e disseminar informações com vistas a provocar uma transformação na composição do corpo docente no que se refere a desenvolver ações de informação estratégicas e promoção de estudos e pesquisas sobre exclusão social, discriminação e desigualdade étnico-racial nas

⁷São conhecidas quatro as principais abordagens que norteiam os estudos e as pesquisas na área de Ciência da Informação: 1) “Abordagem do objeto” que analisa natureza das informações dos próprios objetos; “Abordagem cognitiva” que visa o modo como as pessoas pensam e padrões de pensamento (BROKES; BELKIN, NEVELLING, 1999); “Abordagem comportamental” que permite observar como as pessoas interagem com fontes potenciais e “Abordagem da comunicação” que embasa estudos que se preocupam o uso e a busca da informação, examinando como as pessoas elaboram e respondem questões.

instituições de ensino que detém cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia e Museologia. Nessa direção, o autor coloca que

o estatuto imposto à questão informacional hoje não se configura apenas de processos de conhecimento e de irradiação de registro de dados, mas igualmente de modos e das estratégias mediante os quais os dados são armazenados e postos à disposição da sociedade. (FAUSTO NETO, 2002, p. 161).

Ao retomar as pressuposições de Brookes (1980) para quem a informação acontece nos sujeitos humanos como movimento que se desloca de um estado de conhecimento para outro estado de conhecimento, González de Gómez (2002, p. 32) comunga com a tendência de conceber a informação como uma “dimensão das práticas e interações dos indivíduos, situados no mundo junto com outros indivíduos”. O ponto de vista da autora provoca uma abertura tênue para se pensar a produção de conhecimento a partir de práticas e interações com diferentes grupos sociais. Essa interface dos fenômenos com diferentes dimensões aponta para a contribuição de Gonzalez de Gómez (1999, p.12) que nos pareceu importante por acercar-se da informação social como uma forma de se considerar os grupos socialmente vulneráveis na produção de conhecimento. Porém, a autora não especifica nenhum desses grupos como passíveis de olhar investigativo nas pesquisas em CI.

A produção de conhecimento na CI é desafiada pelas mutações socioculturais do “novo modo de desenvolvimento” [ou] “paradigma informacional” (CASTELLS, 1999), implicando uma ciência que considere o encadeamento das dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas como pré-condições para o entendimento dos fenômenos sociais e do surgimento de novos sujeitos na produção de conhecimento.

De certa forma, entendemos também que a produção de conhecimento ou produção científica é um tema conhecido para estudiosos da área de Ciência da Informação, mas se constitui um desafio para o a) pesquisador (a) desse campo científico, quando articulamos com a questão étnico-racial, pois que os estudos e as pesquisas desenvolvidas a partir desse enfoque ainda não estão consolidadas, não obstante as preocupações da Ciência da Informação com a inclusão social. Assim sendo, é importante não só problematizar o tema, mas investigar a insuficiência dessa produção na memória da ciência da UFPB.

A necessidade de intensificar estudos sobre a temática étnico-racial na CI parece estar implícita nas palavras de Freire (2006), quando a autora assim se expressa: [...] podemos dizer que à medida que a informação adquire relevância para a produção social, cresce a responsabilidade social do campo científico dedicado ao seu estudo, organização e transferência para todos os grupos sociais ou diferentes públicos. (FREIRE, 2006, p. 59).

O apagamento de temas referentes aos grupos socialmente vulneráveis na produção de conhecimento dos programas de pós-graduação na CI no Brasil produz uma abertura para apreensão de novas abordagens nas pesquisas da área cuja idéia parece ser compartilhada por Marteleto (2002, p.102) quando esta autora reforça “a relevância interdisciplinar das teorias sociais na compreensão das questões práticas e teóricas da informação”. Ela sublinha que “informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais”.

4 AFINAL, O QUE CONSIDERAR?

Partimos da pressuposição de que a ciência é “uma prática social que resulta da interação dos sujeitos com os fenômenos da natureza (físicos ou sociais) para produzirem conhecimento como um elemento de fundamental importância para solucionar problemas [...]” (AQUINO, 2009). Entendendo a ciência como uma prática social, a produção de conhecimento está associada não apenas à inclusão e à exclusão referentes aos diversos setores já conhecidos e de diversas maneiras e vários níveis.

A pesquisa objetivou a representação do (a) negro (a) na produção de conhecimento armazenada na memória da ciência de programas de pós-graduação da UFPB, procurando um modo de tornar visível a relatividade dos lugares que o (a) negro (a) ocupa na memória da ciência das universidades e revelar sempre a função das relações de forças circulando nas universidades. Entretanto, tivemos dificuldade em mapear a temática das relações étnico-raciais nas publicações armazenadas nos repositórios impressos e online, devido a exigüidade de trabalhos que abordam questão, demonstrando claramente a invisibilidade de grupos étnico-raciais.

Ao debruçarmos o nosso olhar sobre a produção de conhecimento do PPGCI, que se encontra armazenada nos repositórios impressos/digitais da UFPB, foi possível refletir sobre o processo de produção de sentidos na produção da ciência ao considerarmos que a escolha dos temas estão eivado de preconceito, discriminação e racismo, desconhecendo uma história e cultura de um grupo que poderá ser reelaborada a partir de saberes historicamente desqualificados, desconstruindo uma forma de produção desigual que se estabelece como “regimes de verdade” ou “regimes de informação” como enfatizam Frohmann (1995) e González de Gómez (1999). Há, certamente, uma ciência que recusa determinadas temáticas como fenômenos a serem estudados, quando “deveriam aceitar cada vez mais a idéia de que a

diversidade cultural aumenta a capacidade de ação” na escola, na biblioteca, nos centros de informação, nos núcleos e grupos de pesquisa.

Ao analisarmos a produção de conhecimento do PPGCI, constatamos que poucos (as) são os (as) pesquisadores (as) que trabalham as relações étnico-raciais. Essa constatação tem respaldo em outras pesquisas ao evidenciarem que os (as) afrodescendentes como produtores (as) de conhecimento tem pouca participação na memória da ciência de suas instituições. Tudo isso acontece em função das barreiras (econômicas, sociais, educacionais, culturais e informacionais, dentre outras) principalmente no que se refere às pesquisas acadêmicas. Podemos afirmar que nesse programa existem pesquisadores (as) negros(as) que insistem e resistem na perspectiva serem aceitos (as) como produtores (as) de conhecimento numa sociedade, cujas instituições e programas de pesquisas, eventos científicos ainda continuam interditando a sua produção, confundindo pesquisa sobre as relações étnico-raciais como panfletagens.

Certamente, os obstáculos à produção de conhecimento são contínuos e muitas vezes inadequados, transgredindo os limites da responsabilidade social e ética. Entretanto, concordamos com a afirmativa:

[...] sabemos que romper a exclusão no que concerne à produção de conhecimento nos meios acadêmicos pressupõe romper com o terrível sentimento que acabamos produzindo dentro de nós mesmos, quando participamos de algo que parece não nos pertencer (GONÇALVES, 2003, p. 17).

Assim, durante todo o processo de busca por informações relevantes para a construção deste trabalho, observamos que as produções sobre o (a) negro (a) construídas sobre as temáticas de discriminação e exclusão social/racial necessitam de um conceito de informação étnico-racial que seja coadjuvante na formação continuada de novos (as) pesquisadores (as), sem esquecer que esta formação “sempre se constituiu em marco no panorama das reivindicações do Movimento Negro na luta por uma sociedade masi justa e igualitária” (CAVALLEIRO, 2006, p.16).

As lacunas encontradas sobre a produção étnico-racial nas fontes de informação nos demais programas causou-nos grande impacto visto que era esperado localizar um volume maior de produção de conhecimento sobre a problemática. A constatação da recusa aos temas das relações étnico-raciais na UFPB requer algumas iniciativas no sentido de dar visibilidade aos negros (as) na memória da ciência da UFPB, desenvolvendo ações de informação por meio de realização de mesas redondas, seminários, debates entre outros eventos, a fim de

favorecer positivamente a produção de conhecimento e avançar as reflexões sobre os diferentes segmentos sociais.

Firmamos o nosso ponto de vista ao conceber que a produção de conhecimento PPGCI ainda é insuficiente, representando o (a) negro(a) minimamente. Necessitando que os (as) pesquisadores(as) pensem o(a) negro(a) com o sentido humano, com o olhar para o outro. Faz-se necessário que as bases de conhecimento em que centram suas pesquisas sejam pelo menos “determinadas por relações éticas mínimas”, provocando uma abertura para os conhecimentos produzidos por outras etnias. É fundamental o deslocamento do estado de conhecimento eurocêntrico para uma interação com o estado de conhecimento afrocêntrico. Nesse sentido, a cultura e a história de matriz africana e dos afrodescendentes necessitam estar no planejamento dos estudos e pesquisas de seus/suas pesquisadoras.

Esperamos que este estudo possa contribuir, de alguma forma, para a produção de novos conhecimentos a partir da ótica da informação, nesta área, pois esta entendida como um efeito construído socialmente através das relações sociais em seus diferentes níveis e ambientes. A informação é social, produzida nas relações sociais e gerada em um contexto histórico social definido. Postulamos uma informação étnico-racial, mesmo sabendo que a informação é um conceito difuso e escorregadio que se presta a uma análise da realidade social e da sua organização, desde que seja colocado em relação como uma série de outros conceitos e fenômenos, pois a informação é também relacional.

Do nosso ponto de vista, os (as) cientistas da informação – que desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão - deveriam começar a ocupar seu lugar nas discussões, reflexões e análises em grupos de pesquisa, salas de aula e laboratórios de pesquisa, pois a comunidade acadêmica precisa ser informada sobre o que os(as) pesquisadores (as) estão produzindo para a humanidade, bem como tomar conhecimento da importância de uma ciência em ação para todos (as) cidadãos (às), como bem destacou Latour (2000).

**THE ETH(N)IC-SOCIAL RESPONSIBILITY OF INFORMATION SCIENCE ON
KNOWLEDGE’S PRODUCTION AT UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
(UFPB)**

ABSTRACT

Investigate the knowledge’s production about black people in the science’s memory at Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, searching to understand from a wide research the (in)visibility of this group of people on the scientific culture at this institution,

focusing the observation in our master's thesis the knowledge's production of three Postgraduate Programs (Information Science (PPGCI/CCSA), Languages (PPGL/CCHLA) and Education course (PPGE/CE). Specifically, the study searches to understand how black African descents has been represented in the knowledge's production at Postgraduate Program on Information Science (CCSA), focusing our look about dissertations, thesis, articles, etc, stored on the PPGCI's printed and digitals replacement places . Research's fieldwork contemplated data collected on sector libraries' replacement places and researchers' *Curriculum Lattes*. The research is situated on Science's Cultural Studies area, where matters about race, gender, ethnicity and identity can discourse with information, knowledge and the culture produced on the institutions and articulates with the qualitative approach that offers elements to reflection about especial interests of organized groups around scientific culture, seeing that this approach can support the qualitative approach, both being combined, looking for provide a consistent methodological table of the theme. The research's instruments were worksheets and a notebook used for annotations. The phenomenon's comprehension and the productions of the interferences focused on the categories related to the Information Science's social-eth(n)ic responsibility on the PPGCI knowledge's production. We verified in this Program a "gap" on the knowledge's production about the theme in question. We recommend the accomplishment of roundtables, seminars, debates, etc, in order that the scientific research can proceed, in order to take the social responsibility and ethnic racial as focus on the knowledge's production about black people problematic on information's society.

Keywords: Social Responsibility and Et(h)nic. Knowledge's Production. University. Postgraduate Program. Information Science. Racism. Black. African Descen

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas,SP: Papirus, 1995.

AQUINO, M. A. ; SILVA, M. C. ; SILVA, F. M. A. . A Biblioteca Digital Paulo Freire recuperando o conteúdo freireano para consolidação de ações afirmativas. **Anais... III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**, 2004, São Luis. Pesquisa Social e Políticas de Ações Afirmativas para Afrodescendentes, 2004.

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Fundamentos de metodologia científica**: um guia para iniciação científica. 2ª ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

BROOKES, B. C. The foundation of Information Science. **Journal of Information Science**, v.2,1980.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio Responsabilidade social universitária: contribuições para o ameaças e fortalecimento do debate no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**. Ano 24 Nº 36, Jun. de 2006.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior: São Paulo: Attar Editorial, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **A Formação de Pesquisadores Negros no Brasil Plano 500 de Política Científica Nacional**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso: 12 abril 2009.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Texto de trabalho na disciplina “Etnia, Gênero e educação na perspectiva dos afrodescendentes”, Fortaleza (CE), 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. Campo da informação: transição e desafios. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque Aquino. **O campo da Ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária. 2002.

FERNANDES, Ângela. A responsabilidade social e a contribuição das relações públicas. Comunicação apresentada ao grupo de trabalho de relações públicas da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares – INTERCOM. **Anais... XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2 a 6 de setembro de 2000, Universidade do Amazonas, Manaus – AM

FREIRE, Isa Maria. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 175-197. 2002. Memória Técnica do IBICT.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.

FROHAMANN, Berhn Taking information policy beyond information science applying the actor network theory. Paper apresentado no 23rd Annual Conference of Canadian Association for Information Science. **Proceedings...** Edmonton, Alberta, jun. 1995.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos:Edufscar, 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**, João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da Política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.67-93. Abr. 1999.

GRIN, Mônica. Cor, etnia e ritualização do mérito no acesso à UFRJ. In: QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.

- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996
- LIMA, Celly Brito de. **Identidades afrodescendentes: acesso e democratização da informação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba. Orientador (AQUINO, Mirian de A.)
- MARTELETO, Regina. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v.11, n.1, 2001.
- MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e Sociedade: pressupostos informação. In: AQUINO, M. A. **O campo da ciência da informação: especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p.101-115.
- MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990.
- MUNANGA, K; GOMES, N. L. Considerações sobre as políticas afirmativas no ensino superior. In.: PACHECO, Jairo Queiroz; Silva, Maria Nilza da. **O negro na universidade: o direito à inclusão**. Brasília: Fundação Palmares, 2007.
- NASCIMENTO, Denise Morado . **A abordagem sócio-cultural da informação**. Disponível em: < <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=71> >. Acesso em: 23 jan. 2008.
- PINHEIRO, Lena Vânia. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.15, n. 1, p. 13-14, jan./jun. 2005.
- PROGRAMA de Pós-Graduação em Ciência da Informação. João Pessoa: UFPB, 2009.
- OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Práticas de informação, práticas de cidadania: a informação étnico-racial em novos contextos de aprendizagem**. Projeto apresentado ao Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SANTANA, V. S. **Imagens de negro/a no campo da Ciência da Informação** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) (Andamento), 2006. João PessoaPB.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo, Cortez, 2005.
- SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Zahar; DF: UNESCO, 2003

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SANTANA, Vanessa Alves. **A responsabilidade ético-social dos profissionais da informação e a inclusão dos afrodescendentes na Universidade Federal da Paraíba**, 2008. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.

VALENTE, Maria Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Moderna, 1996.

VALLAEYS, François. Que significa responsabilidade social universitária? Revista da **Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**. Ano 24 n. 36, jun. de 2006.

WIEVIORKA, Michel. **Introdução ao racismo**: São Paulo: Perspectiva, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia Castanga; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001